

Aos 75, o cineasta Joel Zito Araújo passa sua filmografia a limpo

PÁGINA 10



Burger Fest chega à sua 14ª edição com receitas inéditas

PÁGINA 16



Cacá Bernardes/Divulgação

Enfim, juntos

Tony Ramos e Denise Fraga dividem o palco pela primeira vez em 'O Que Só Sabemos Juntos', que chega neste fim de semana aos palcos cariocas após concorrida temporada em São Paulo. Espetáculo marca a volta do ator ao teatro após quase 20 anos dedicados exclusivamente a trabalhos em novelas, filmes e e séries. **PÁGINA 2**

Um alfabeto de memórias

Espetáculo marca a volta de Tony Ramos aos palcos após quase duas décadas

Depois de décadas consolidando carreiras paralelas, Tony Ramos e Denise Fraga finalmente dividem o palco pela primeira vez. O espetáculo “O Que Só Sabemos Juntos” chega aos palcos cariocas depois de uma temporada de grande sucesso em São Paulo. A montagem marca o retorno do ator, hoje com 76 anos, ao teatro após um hiato de quase duas décadas de produções audiovisuais.

A dramaturgia parte de uma premissa simples, mas potente: o encontro de dois atores com uma multidão de pessoas que escolheu estar ali, na companhia umas das outras. “Eu gosto de contar as pessoas quando tem muita gente porque eu gosto sempre de imaginar que, sei lá, quando se trata de gente, cem não é cem, são cem unidades, cem uns, cem cada um, cem pessoas com vidas, histórias e experiências muito diferentes umas das outras”, diz Denise Fraga numa cena inicial da peça. Essa percepção do outro como indivíduo único marca toda a narrativa.

Sob direção de Luiz Villaça, o espetáculo concebido pela NIA Teatro funciona como um “espetáculo-festa-despertador”. Com humor e leveza, os dois atores conduzem uma experiência de empatia e escuta diferente a cada noite, valendo-se de dispositivos



Tony e Denise dividem o palco pela primeira vez em ‘O Que Só Sabemos Juntos’

de interação direta com a plateia.

A proposta é resgatar um alfabeto coletivo de memórias, gestos e experiências que todos

compartilhamos – as casas de infância, os cheiros que lembramos, os lugares preferidos de estar, a boca do fogão que preferi-

mos acender, a cadeira escolhida à mesa – mas que deixamos de acessar diante da falta de escuta genuína do outro.

Num mundo onde a qualidade da escuta virou o grande problema das relações humanas, a peça questiona: do que nos lembramos? O que imaginávamos que fosse acontecer em nossas vidas quando ainda éramos crianças? E, principalmente, o que só sabemos juntos, ali, naquela sala, naquele momento compartilhado?

A dramaturgia costura essas questões íntimas com cenas sobre temas pungentes do mundo contemporâneo – aquecimento global, crise climática, dominação tecnológica, condição feminina, patriarcado e as dificuldades de criar vínculos genuínos em 2024. Entrelaçam-se ainda fragmentos de clássicos como “Tio Vânia”, de Tchekhov, e “Galileu Galilei”, de Brecht, demonstrando que o teatro atemporal permanece instrumento poderoso para pensar qualquer época.

O texto incorpora ainda pensamentos de autores como a ativista Bell Hooks, ensaios de Olga Tokarczuk, crônicas da jornalista Dorrit Harazim, prosa de Annie Ernaux e poesias de Fernando Pessoa, Wislawa Szymborska e Arnaldo Antunes. A dramaturgia é assinada por Vinícius Calderoni e Kenia Dias, com cenografia de Duda Arruk, iluminação de Wagner Antônio e figurinos de Verônica Julian.

A trilha sonora ao vivo é executada por uma banda exclusivamente feminina: Priscila Brigante (bateria), Clara Bastos (baixo), Grazi Pizzani (trompete), Taís Cavalcanti (saxofone) e Ana Rodrigues (piano), sob direção musical de Fernanda Maia. Em cena, dois mestres que preferem a dúvida ao conforto da certeza, propondo uma reflexão urgente sobre a função da arte em tempos de isolamento e polarização.

SERVIÇO

O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Centro)

De 7 a 30/11, sextas e sábados (20h) e domingos (17h)

Ingressos entre R\$ 25 e R\$ 200

Divulgação

A sedução do tango em terras cariocas



A mais popular manifestação cultural argentina chega aos palcos brasileiros com o espetáculo 'Tango Genuine'

Normalmente viagens a Buenos Aires pedem uma noite numa casa de tangos, um programa que proporciona uma imersão da alma portenha a partir desta dança sensual e envolvente. Mas neste fim de semana o público carioca pode sentir esse gostinho sem precisar desembarcar na capital argentina. Em turnê pelo Brasil, o espetáculo "Tango Genuine" terá apresentações neste sábado e domingo (8 e 9) na Cidade das Artes.

Há duas décadas esta produção argentina percorre os principais palcos do mundo levando uma narrativa histórica sobre o tango, patrimônio cultural imaterial reconhecido pela Unesco.

Dirigido por Roberto Santocono, com direção musical de Fernando Marzan e coreografia de Karina Piazza, o espetáculo reúne dez bailarinos e quatro músicos em cena para construir uma jornada que atravessa mais de um século de

história do tango. Além da execução técnica da dança, a montagem contextualiza as transformações sociais e estéticas que moldaram essa expressão artística nascida nos subúrbios de Buenos Aires no final do século XIX.

São ao todo cinco atos temáticos. "The Brothel" remete às origens marginalizadas do tango nos prostíbulos portenhos, onde imigrantes europeus e marinheiros criaram os primeiros passos dessa dança marcada pela improvisação e pelo contato corporal intenso. Em seguida, "The Milonga" explora a dimensão social do tango, quando a dança migrou para os salões populares e ganhou códigos próprios de convivência e cortesia, transformando-se em ritual de sedução.

O terceiro ato concentra-se na revolução estética promovida por Astor Piazzolla, compositor que nos anos 1950 e 1960 incorporou elementos do jazz e da música erudita ao tango tradicional, criando o que ficou conhecido como "nuevo tango". Essa fase do espetáculo destaca a virtuosidade técnica tanto dos músicos quanto dos bailarinos, evidenciando como Piazzolla expandiu as possibilidades harmônicas e rítmicas do gênero. Os dois atos finais, "The Glamour" e "The Golden Age", celebram o período de maior popularidade internacional do tango, entre as décadas de 1930 e 1950, quando a dança conquistou os salões elegantes de Paris, Nova York e outras capitais culturais, incorporando elegância e

refinamento ao estilo portenho até chegar à consagração pelas grandes orquestras.

Roberto Santocono, que assina a direção geral, construiu carreira internacional como bailarino antes de dedicar-se à direção de espetáculos. Formado na prestigiada Academia Nacional de Tango de Buenos Aires, dançou em companhias de renome como Tango Argentino e integrou por anos o elenco do famoso cabaré Señor Tango. "Tango Genuine" já passou por casas como o Sadler's Wells, em Londres, o Teatro Bolshoi, em Moscou, e a Ópera de Sydney.

Fernando Marzan, responsável pela direção musical, é reconhecido como pianista e maestro com trajetória internacional no tango. A música é executada integralmente ao vivo por um quarteto formado por piano acústico, bandoneón, violino e contrabaixo, recriando a atmosfera dos cafés e salões portenhos em diferentes épocas.

Karina Piazza, coreógrafa e diretora artística, desenvolveu linguagem própria ao combinar a técnica clássica do tango com influências da dança contemporânea. Nascida em Buenos Aires, iniciou sua formação em balé no Instituto Superior de Arte do Teatro Colón e construiu carreira internacional como bailarina e coreógrafa. Foi integrante da companhia Modern Jazz Ballet e desde 2009 é uma das principais dançarinas do espetáculo Rojo Tango, em Buenos Aires. Indicada ao Tony Awards na categoria Melhor Coreografia da produção "Forever Tango" na Broadway, Piazza equilibra virtuosismo técnico e expressividade dramática em suas criações. Sua abordagem busca preservar a essência do tango, seu diálogo corporal e sua musicalidade, sem transformá-lo em peça de museu, mantendo-o como dança viva que absorve influências e se reinventa.

SERVIÇO

TANGO GENUINE
Grande Sala da Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca)
8 e 9/11, sábado (16h e 20h) e domingo (16h)
Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 300

CRÍTICA / TEATRO / O LEGADO - UM DIÁLOGO COM CAIO FERNANDO ABREU

Metateatro **afetivo**

Por Cláudio Handrey

Especial para o Correio da Manhã

Um sax abre a celebração dos 20 anos da Cia de Teatro Íntimo em grande estilo, em que Madonna, Marina, reverberam pelo espaço, numa saudosa trilha musical na montagem de “O Legado”, revisitando o escritor Caio Fernando Abreu, referência na literatura gay, e toda uma galera, que suportou a epidemia de aids nos anos 80. Citando artistas que partiram por conta da famigerada moléstia, como Lauro Corona, Cazuzu, Carlos Augusto Strazzer, Claudia Magno, entre tantos, o texto bem urdido por Renato Farias atravessa as mazelas de uma época obscura com muito bom humor no macrocosmo LGBTQIAPN+, numa amálgama de realidade e ficção, nas quais o jogo teatral se fortalece. A dramaturgia ilumina a ideia de que hoje é absolutamente possível viver com HIV, seguindo a vida, outrora inviável.

A direção, do próprio autor, é um dos pontos altos do espetáculo, criando uma di-



Divulgação

Thiago Mendonça destaca-se em plena consciência vocal

nâmica fluida, em que seus intérpretes deslizam pela cena com extrema suavidade, propagando sensualidade e liberdade, sustentados por uma direção de movimento eficiente de Orlando Caldeira, com uma provocativa cena de sexo coletivo. A encenação institui a dosagem adequada de dramaticidade, reverendo climas impondo leveza à montagem.

Gracioso e pungente, Thiago Mendonça destaca-se, em plena consciência vocal. Aleh

Silva esbanja uma performance corporal encantadora, e Alain Catein, Dodi Cardoso, João Manoel, Márcio Januário, Orlando Caldeira, Renato Farias têm ótimo rendimento, mas Gabriel Contente pode rever a forma pela qual emite seu texto, que por vezes ecoa num volume pouco teatral, mesmo numa entrega equalizada ao elenco.

Mendonça, além de brilhar como ator, se aventura na direção de arte, expondo um

tapete vermelho, como se o sangue emanasse um êxtase vital, ressaltando cada artista no palco, em que auxilia a proposta defendida por Farias, com adereços de bom gosto, evoluindo pela cena. Úga Agú enroupa atores/personagens num displicente realismo, sensatamente, já que atores ensaiam um espetáculo, e que se completam no passado e presente. A luz de Daniela Sanchez contribui para desenhar ambientes sugeridos pelo dramaturgo, habilmente.

“O Legado – Um Diálogo Com Caio Fernando Abreu”, não só presta um tributo ao dramaturgo gaúcho, mas reverencia toda a comunidade gay, e aos autores, diretores, atores, ao teatro. Em luta constante para fazer com que a vida fique mais policromada, repleta de luz, e neste caso, que a memória deste país não se apague. Tudo isso num metateatro abarrotado de formosura!

SERVIÇO

LEGADO - UM DIÁLOGO COM CAIO FERNANDO ABREU

Sesc Copabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 9/11, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Festival de dança

O Festival Panorama 2025 acontece até o dia 29 com espetáculos de dança contemporânea em quatro espaços: CCBB, MAM, Teatro Nelson Rodrigues e Teatro João Caetano. A programação reúne artistas do Brasil, Quênia, França, Itália e Suécia, com ênfase em trabalhos que abordam ancestralidade e diáspora africana. Na abertura, “Traditional Future”, solo do coreógrafo queniano Fernando Anuanga (foto), nesta sexta e sábado (7 e 8), às 18h, no CCBB.

Ronan Li/Divulgação



Carol Brandão/Divulgação



Leminskiando

A Casa Museu Eva Klabin recebe neste domingo (9), às 16h, o espetáculo “Era Uma Vez, Leminski”, com Carol Futuro e Viviane Netto. A montagem apresenta a vida e obra do poeta, letrista e tradutor Paulo Leminski ao público infantil por meio de teatro, música, bonecos e contação de histórias. Com músicas originais de Leonardo Miranda, o espetáculo integra a série “Concertinhos de Eva”, projeto que aproxima crianças da música de concerto. A narrativa acompanha a jornada do menino Leminski e sua descoberta do universo das palavras.

Ricardo Martins/Divulgação



Memória e afeto

O Teatro Glaucê Rocha recebe até o dia 28 o espetáculo “Laura”, que completa dez anos desde a estreia. O solo biográfico, criado e interpretado por Fabrício Moser, reconstrói a história de sua avó materna, assassinada em 1982 em Cruz Alta (RS). A montagem utiliza fotografias, vídeos, documentos e objetos pessoais para compor uma narrativa que articula teatro, performance e artes visuais, transformando uma história pessoal de dor e silêncio em um ato poético de memória e afeto. Rodas de conversa com o público acontecem às quintas-feiras após as sessões.

Leo Aversa/Divulgação

Por Affonso Nunes

Quando Zé Ramalho pisou pela primeira vez nos palcos do eixo Rio-São Paulo, nos anos 1970, trazia consigo uma combinação inusitada: a inquietação do rock mesclada à cadência do forró, versos que evocavam simultaneamente o misticismo sertanejo e as experiências lisérgicas da contracultura que dominava a cena internacional. Quase cinco décadas depois, celebra seu aniversário com a turnê “75 Anos de Vida – Temporada de Sucessos”, que passa pelo Qualistage nesta sábado (8).

“Não vejo nada de especial em fazer 75 anos de vida. É uma forma que os donos das casas de espetáculos usam para chamar e informar as pessoas, e que dará bons rendimentos. Tenho o privilégio de ter um público que lota minhas apresentações”, disse o artista, despido de qualquer modéstia, em entrevista recente ao jornal Folha de S. Paulo.

A trajetória de Zé antecede sua chegada triunfal ao olimpo da MPB. Antes do histórico álbum de estreia de 1978, que os fãs até hoje chamam de “o disco do Avôhai”, o jovem de João Pessoa já transitava entre bandas de rock e a produção de literatura de cordel, tendo publicado “Apocalypse Agalopado” em 1975. Esse flerte de uma estética roqueira com a tradição poética nordestina se tornaria a marca registrada deste bardo nordestino.

O impacto daquele primeiro disco surpreendeu crítica e público. “Assisti ao filme ‘Woodstock’. Nele, apareciam imagens da cultura hippie. Os cogumelos surgiram nesse tempo. Sem essa viagem não existiria a música ‘Avôhai’”, recorda Zé.

Os anos 1970 testemunharam uma grande migração de artistas nordestinos para os centros culturais do Sudeste, fenômeno que redefiniu a cartografia da MPB. Dentro dessa constelação de talentos que incluía nomes como Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Belchior, Zé Ramalho destacava-se pela estranheza poética de suas composições. Havia algo de único naquela voz ora irônica, ora soturna, na batida segura que transitava



Zé Ramalho: “Não vejo nada de especial em fazer 75 anos de vida. É uma forma que os donos das casas de espetáculos usam para chamar as pessoas. Tenho o privilégio de ter um público que lota minhas apresentações”

A psicodelia nordestina de Zé Ramalho

Cantor e compositor traz ao Rio turnê comemorativa em que revisita trajetória marcada pela síntese entre rock, cultura nordestina e psicodelismo

entre a cadência roqueira e o balanço agitado do forró, na sua forte presença cênica.

A força mais sedutora de seu trabalho, contudo, está na sua escrita. A poética de Zé Ramalho estabeleceu-se rapidamente como referência obrigatória para com-

preender o psicodelismo e a contracultura dentro da música brasileira. Seus versos bebiam tanto no folk-rock de Bob Dylan quanto nos violeiros do Vale do Pajeú, despertando associações inesperadas, memórias ancestrais atravessadas por lampejos futuristas, intuições

antigas quanto as pedras sertanejas filtradas por sensibilidades globalizadas.

“Os repentistas são a forma mais séria, importante e estranha que conheci. São pessoas mediúnicas pelo mistério que acontece quando estão improvisando. Quando tinha

22 anos, tive dois mestres: Otacílio Batista e Oliveira de Pannels. O universo deles está em todos os meus discos”, disse Zé Ramalho na entrevista citada acima.

Ao longo de décadas, Zé Ramalho demonstrou que sua versatilidade não se limitava à composição própria. Entre 1991 e 2022, o artista lançou uma série de álbuns-homenagem que funcionam como arqueologia afetiva de suas influências: “Brasil Nordeste”, “Nação Nordestina”, além de discos dedicados a Raul Seixas, Bob Dylan, Luiz Gonzaga, George Harrison, Jackson do Pandeiro e os Beatles. Todos esses trabalhos mostraram ao grande público um intérprete capaz de absorver e recriar suas referências estéticas.

Receita é ‘ramalhar’

O próprio artista cunhou um termo para esse processo de apropriação criativa: “ramalhar” uma música significa submetê-la a seu filtro pessoal até que atinja o “ponto” ideal, aquela combinação única de discurso poético, presença de palco e voz tudo num mesmo pacote.

O resultado desse processo contínuo de criação e recriação pode ser medido tanto em números quanto em permanência. São mais de 30 álbuns ao longo da carreira, 6 milhões de cópias vendidas, com destaque para o CD duplo “20 Anos: Antologia Acústica” de 1997, que ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares. Mas o dado mais significativo transcende as cifras: a obra de Zé Ramalho não se esgota na novidade, pelo contrário, ganha densidade com o passar do tempo. Canções como “Admirável Gado Novo”, “Avôhai”, “Chão de Giz” e “Vila do Sossego” ainda ecoam por sucessivas gerações, mantendo viva aquela estranheza poética que chamou atenção quando de seu lançamento.

SERVIÇO

ZÉ RAMALHO - 75 ANOS DE VIDA: TEMPORADA DE SUCESSOS

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca)

8/11, às 21h

Ingressos A partir de R\$ 70

No quinhão do samba de Mosquito

Cantor e compositor apresenta no JClub álbum que consolida duas décadas de carreira

Por Affonso Nunes

Pedro Assad nunca foi nome de sambista. Foi nas ruas do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, que o garoto magrinho da Rua Mangalô ganhou o apelido que carrega até hoje: Mosquito. “Isso vem dos tempos de moleque. Muito magrinho, tinha vários apelidos, mas Mosquito foi o que ficou”, relembra o artista, que aos 36 anos se tornou uma das vozes mais criativas da nova geração do samba carioca.

Nesta sexta-feira (7), às 21h, Mosquito sobe ao palco do JClub da Casa Julieta de Serpa para encerrar a programação do 11º Bossa Nova e MPB in Concert. O artista apresenta ao público “Quinhão”, segundo álbum de sua discografia que marca, surpreendentemente, duas décadas de trajetória no samba carioca.

Produzido por Pretinho da Serrinha, “Quinhão” reúne dez faixas que celebram o samba de raiz e o partido alto. O disco conta com parcerias de peso: Mart’nália e Tereza Cristina dividem composições ao lado de re-



Fernando Young/Divulgação

O sambista ganhou esse apelido ainda moleque: ‘Tinha vários apelidos, mas Mosquito foi o que ficou’

presentantes da nova geração como Leandro Fregonezzi e Inácio Rios. “Me sinto muito honrado com essas parcerias. Compositores talentosíssimos que me deram uma colher de chá e somaram muito no álbum”, destaca o jovem sambista que esbanja maturidade.

A autenticidade do trabalho recebeu a benção de Moacyr Luz, que assina a apresentação do disco. “Percebe-se a paisagem carioca nos versos desses dez sambas. Mosquito recorre ao subúrbio de Aldir Blanc e Noel Rosa para vestir a tradição de citações”, desta-

ca o criador do Samba do Trabalhador. Para Mosquito, essa conexão é vital: “É nessa fonte que eu bebo. Desse jeito aprendi e aprendo até hoje. A gente faz do nosso jeito, mas sem fugir da receita original.” Entre os destaques do álbum estão “Máinha Tinha Razão”, “Desistiu de Mim” e “Vida de Moleque”, que exploram as particularidades da zona norte carioca.

Considerado um dos principais improvisadores da nova geração, Mosquito já dividiu palco com Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Dudu Nobre e Diogo Nogueira, conquistando lugar no cobiçado Hall dos Versadores do Cacique de Ramos. Em 2015, recebeu o prêmio de Melhor Álbum na categoria Samba pelo iTunes com “Ô Sorte”.

SERVIÇO: MOSQUITO

JClub – Casa Julieta de Serpa (Praia do Flamengo, 340 – 1º andar) | /11, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia-entrada e meia social com 1kg de alimento não-perecível)

Criolo de volta à Lona

Rapper paulistano retorna ao Circo Voador em data extra da turnê de seus 50 anos

O show de Criolo no Circo Voador em 12 de setembro, no Circo Voador, teve os ingressos esgotados ainda na pré-venda, levando a produção a abrir uma data extra neste sábado (8), que também já está com lotação completa. A procura confirma a expectativa em torno da turnê “Criolo 50”, iniciada em 20 de junho em Teresina, que celebra o meio século de vida do multiartista paulistano e



Divulgação

Criolo percorre o país com os shows de sua nova turnê

marca um novo momento em sua carreira. “Eu nem estou acreditando que estou chegando nos 50. Estou feliz demais de alcançar esse tempo de vida”, diz. “Esse projeto não é só sobre mim — é sobre todas as pessoas que me ajudaram a não desistir”, completa.

Na maturidade dos 50 anos, Criolo apre-

senta uma abordagem sofisticada de seu trabalho, utilizando o hip-hop como espinha dorsal da performance, mas expandindo para territórios sonoros que incluem trap, grime, drill, afrobeat e, principalmente, o samba. Acompanhado por Ed Trombone, DJ Dandán, Xeina Barros, Ricardo Rabelo, Bruno Buarque, Gustavo Sousa e Bira Sax, o artista explora um vasto repertório que atravessa toda sua discografia, de “Nó Na Orelha” e “Convoque Seu Buda” até o recente “Espiral de Ilusões”, valorizando os clássicos da música brasileira e estabelecendo diálogos entre diferentes gerações musicais.

Em “Criolo 50”, o rapper constrói uma narrativa que apresenta seu hip-hop como uma árvore de múltiplas ramificações, explorando as possibilidades que esse gênero oferece quando dialoga com outros ritmos, expandindo os horizontes da música preta brasileira. O espetáculo conta com identidade visual inovadora e conteúdo audiovisual inédito assinado por Bernardo Perpettu, desenvolvido especialmente para atravessar símbolos, ícones e histórias que marcaram a carreira do artista.

A turnê marca também uma mudança na gestão de carreira. “Criolo 50” é o primeiro projeto sob administração de seu novo escritório, fruto de parceria entre a Nascimento Música, liderada por Augusto Nascimento e a Bonus Track, de Luiz Oscar e Luiz Guilherme Niemeyer.

As novidades relacionadas ao aniversário não se resumem à turnê. Entre os conteúdos confirmados está um álbum inédito em parceria com Dino D’Santiago e Amaro Freitas — artistas que dividem com o artista uma indicação ao Grammy Latino com a faixa “Esperança” na categoria Melhor Canção em Língua Portuguesa. Também está previsto o lançamento de um disco de samba. “O samba me atravessou com tanta admiração que levei quase 18 anos para pensar num disco. Depois, mais 10 para ter coragem de lançar, de tanto respeito que tenho a esse gênero”, explica o artista. (A.N)

SERVIÇO

CRIOLO 50

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº – Lapa) | 8/11, às 22h | Ingressos esgotados

O tambor enquanto manifesto

Projeto Malungagem encerra ciclo sobre influência das religiões afro-brasileiras na música com show de Alè no MUHCAB

Por Affonso Nunes

O Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira recebe nesta sexta-feira (7) o encerramento do Malungagem, projeto que há três meses vem investigando e celebrando as conexões entre as tradições de terreiro e a música popular brasileira. O evento gratuito marca o fim de um ciclo iniciado em setembro e que passou por espaços emblemáticos da presença afro-brasileira no Rio de Janeiro, como o Ilê Omo Iya Ade Omin, em Higienópolis, e o Centro de Cultura Única, na Saúde. A noite terá mesa de conversa com pesquisadores e lideranças religiosas, além de show do cantor e compositor carioca Alè, idealizador do projeto e Yawô da tradição Banto/Yorubá.

Bruno Bastos/Divulgação



Show de Alè fecha a programação no MUHCAB

“Malungagem não é só um evento. É um chamado para reconhecer que a música brasileira é, em sua essência, atravessada pelas macumbas”, afirma o músico.

A mesa de conversa reunirá vozes fundamentais do debate contemporâneo sobre cultura afro-brasileira: Hosania Nascimento, fundadora do Quilombo Aquilah e ex-dirigente do MUHCAB; Criss Massa, sambista e criadora da roda “O Samba é da Massa”; Itana Gomes, museóloga e cofundadora do Brincantes da Pedra Branca; e Pejigan Anderson de Bessen, sacerdote com mais de três décadas dedicadas ao ensino dos ritmos do candomblé.

O show apresentará repertório centrado no EP “Igbá”, de Alè. Em yorubá, igbá significa cabaça. Faixas como “Veste Teu Branco”, “Reis Malunguinho” e “Ayabá” compõem um trabalho que trata os orixás como elementos estruturantes da identidade brasileira. O repertório inclui ainda “Pretas e Pretos Novos”, homenagem ao Cais do Valongo; “O Canto das Folhas (A Sassanha)”, parceria com Luiz Antonio Simas, além de releituras de Jorge Benjor e Mestre Môa do Katendê.

“Cada tambor que ressoa é um ato político. A música é o orixá que não se cala”, define Alè. O projeto apoia economicamente casas de axé, que comercializam comidas típicas durante os eventos, e desenvolve atividades educativas na Ocupação Benjamim Filho, levando músicas inspiradas nos orixás às crianças.

SERVIÇO

MALUNGAGEM - A INFLUÊNCIA DAS MACUMBAS NA MÚSICA POPULAR

MUHCAB (Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa)
7/11, a partir das 14h. Show às 19h | Entrada franca

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Washington Possato/Divulgação



Xande na Portela

O cantor e compositor Xande de Pilares participa neste sábado (8) da programação do show “Samba Que Me Faz Feliz”, a partir das 15h, na quadra da Portela, em Madureira. O repertório apresentará clássicos do samba que marcaram a trajetória do artista ao longo de sua carreira. O evento também contará ainda com apresentações do Pagode do Adame e de Bernini, que completam a programação musical.

Divulgação



Modo acústico

O coletivo Sete Cabeças apresenta neste sábado (8), às 22h30, no Blue Note Rio, o espetáculo “Revisitando Acústicos”, com repertório dos álbuns MTV Acústico de Rita Lee, Titãs e Cássia Eller. Formado em 2022 por Charles Gavin, Luiz Brasil, Drenna, Cris Caffarelli, Daniela Spielmann, Pedro Coelho e Felipe Ventura, o grupo reinterpreta sucessos que marcaram a música brasileira nos anos 1990 e 2000.

Divulgação



Samba & feijoada

Ito Melodia, cinco vezes premiado com o Estandarte de Ouro como Melhor Puxador, comanda mais uma edição da Feijoada do Rival neste domingo (9), a partir das 13h. O cantor apresentará clássicos do samba, composições autorais como “A Cigana” e “Amor de Pai”, além de sambas-enredo. Carlinhos Madureira, Tico Gato e a Bateria da Inocentes de Belford Roxo são os convidados especiais. O ingresso inclui show e feijoada.

Divulgação



Em temporada

A Casa Horto, no Jardim Botânico, recebe este mês apresentações do cantor e compositor Feyjão todos os domingos, às 14h. O músico apresenta repertório que abrange samba, MPB e pop, com canções de artistas como Chico Buarque, Djavan e composições próprias. Feyjão possui já se apresentou ao lado de nomes como Thiaguinho, Natiruts e Ferrugem, e já dividiu palco com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Rita e Seu Jorge.

SHOW

LETRUX E THIAGO VIVAS

*A dupla apresenta o espetáculo “Alfabeto Sonoro” no qual todas as letras do alfabeto são contempladas com canções ou poemas com títulos que começam com a letra em questão. Sex (7), às 22h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro)

JAZZ DAS MINAS

*100% feminina, a banda pop brasileira jazzística de terreiro capitaneada pela pianista, cantora e compositora Ifátókí Máira Freitas apresenta o show “Ayê Òrun”. Sáb (8), às 22h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro)

NILZE CARVALHO E ANA COSTA

*A dupla comanda as terças-feiras de novembro do projeto Terças no Ipanema em show inédito que celebra o samba e a MPB. A cada noite, um convidado especial. Até 25/11, ter (20h) Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ALEGRIA - TRIBUTO A SADE

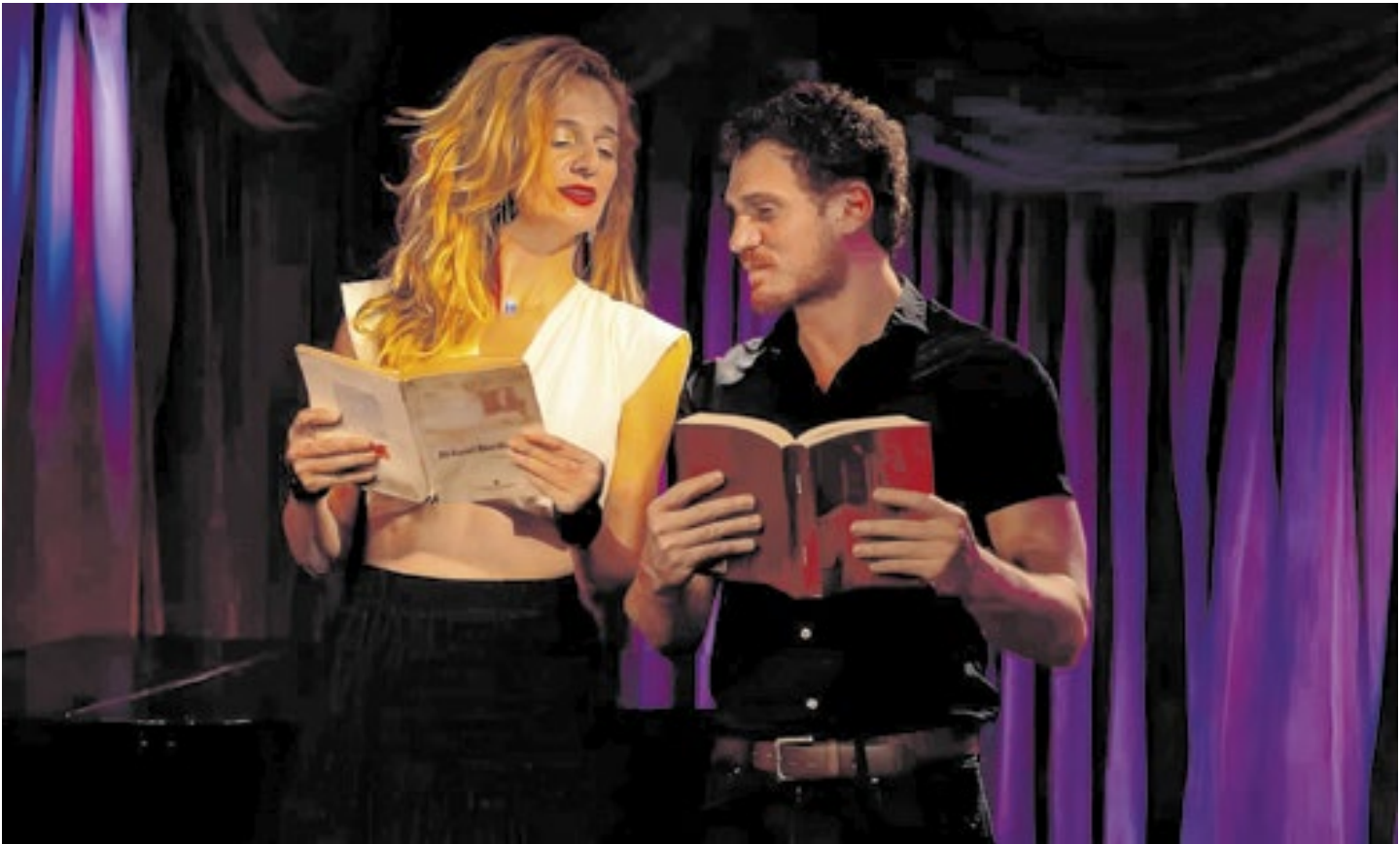
*A cantora carioca encanta o público ao interpretar os maiores sucessos da cantora britânica-nigeriana. O show resgata clássicos como “Smooth Operator” e “Your Love Is King” em arranjos com delicadeza e intensidade. Sáb (8), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

TAMARA SALLES

*A cantora apresenta seu show “Elas Cantam Soul - O Poder da Voz Feminina” mesclando repertório das divas clássicas com a energia e a modernidade de artistas contemporâneas. Sáb (8), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo). R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60 (na hora)

DRENNA

*Premiada como a melhor banda de Rock no Prêmio Profissionais da Musica Edição 2025, a banda carioca apresenta o show “Cisne Negro”. Dom (9), às 15h. Areninha Cultural Terra (Rua Marcos de Macedo, s/nº - Guadalupe). Entradas colaborativas



Letrux e Thiago Vivas

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Luiz Antônio Pilar/Divulgação



A Pérola Negra do Samba

TEATRO

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Eduardo Moscovis mostra neste solo, com texto de Leonardo Netto e direção de Rodrigo Portella, o tênue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A PÉROLA NEGRA DO SAMBA

Musical revela a trajetória da saudosa cantora e compositora Jovelina Pérola Negra, referência feminina do samba carioca. Até 9/11, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). *Sessões com intérprete de Libras e audiodescrição. A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Divulgação



Jazz das Minas

Van Brígido/Divulgação



Músicas que Fiz em Seu Nome

Divulgação



O Universo Lúdico de Deneir Martins

Catarina Ribeiro/Divulgação



O Motociclista no Globo da Morte

Paranapiacaba/Divulgação



Drenna

A SABEDORIA DOS PAIS

*Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro nos palcos em montagem de texto inédito de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor durante a maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

QUEBRANDO PARADIGMAS

*Espetáculo com Lucas Popeta revisita a trajetória da identidade negra no Brasil num mergulho na história do país sob a perspectiva de um jovem negro de 23 anos. Até 9/11, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

MÚSICAS QUE FIZ EM SEU NOME

*Comédia musical com Laila Garin explora dilemas sobre sofrimento, memória e a busca pela perfeição através de canções brasileiras conhecidas pelo grande público. Espetáculo marca a estreia da atriz como dramaturga. Até 9/11, qui a sáb (20h) e dom (17h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

MOSTRA ALSACIANAS

*O festival apresenta oito cenas autorais e o público escolhe a melhor por votação direta. Espetáculos convidados de teatro e dança também integram a programação. Sex a dom (7 a 9), às 18h30. Teatro Armando Gonzaga (Av. Gen. Osvaldo Cordeiro de Farias, 511 – Marechal Hermes). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

EXPOSIÇÃO

REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

*O artista português José Pedro Croft reúne 170 obras num diálogo entre arte contemporânea e arquitetura histórica. Até 7/11, (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

*Exposição reúne 40 anos de uma criação de peças com materiais descartados. Até 3/12, ter a sex (10h às 18h) | sáb e dom (11h às 17h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL

RITINHA ROCK & ROLL - RITE LEE PARA CRIANÇAS

*Oitavo trabalho do projeto “Grandes Músicos para Pequenos”, a montagem acompanha uma menina que sonha em transformar o mundo com o rock. A trilha inclui sucessos como “Lança Perfume” e “Jardins da Babilônia”. Até 16/11. Sáb e dom (16h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jd. Botânico, 1008). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

GEOMETRIAS DE LUZ

*Experiência interativa que mergulha nos elementos da exposição de José Pedro Croft. Com materiais simples, os participantes são estimulados e construir esculturas geométricas que revelam novas possibilidades de forma e percepção. Até 7/11. Sáb e fer (às 15h e 17h) | dom (11h, 15h e 17h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

EVENTO

NARRATIVA MIGRANTE

*Projeto convida o público a participar de uma experiência intercultural de escuta, arte e pertencimento pelas ruas da cidade com caminhadas na Pequena África. 7, 8 e 11/11

CONVERSAS DE CURA

*A jornalista e terapeuta Helen Pomposelli comanda talk-show com vivências de bem-estar e autoconhecimento idealizado com a participação de especialistas. Dom (9), às 18h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro)

ENTREVISTA / JOEL ZITO ARAÚJO, CINEASTA

'O embarreiramento parece maior que a flexibilização'

Por Rodrigo Fonseca

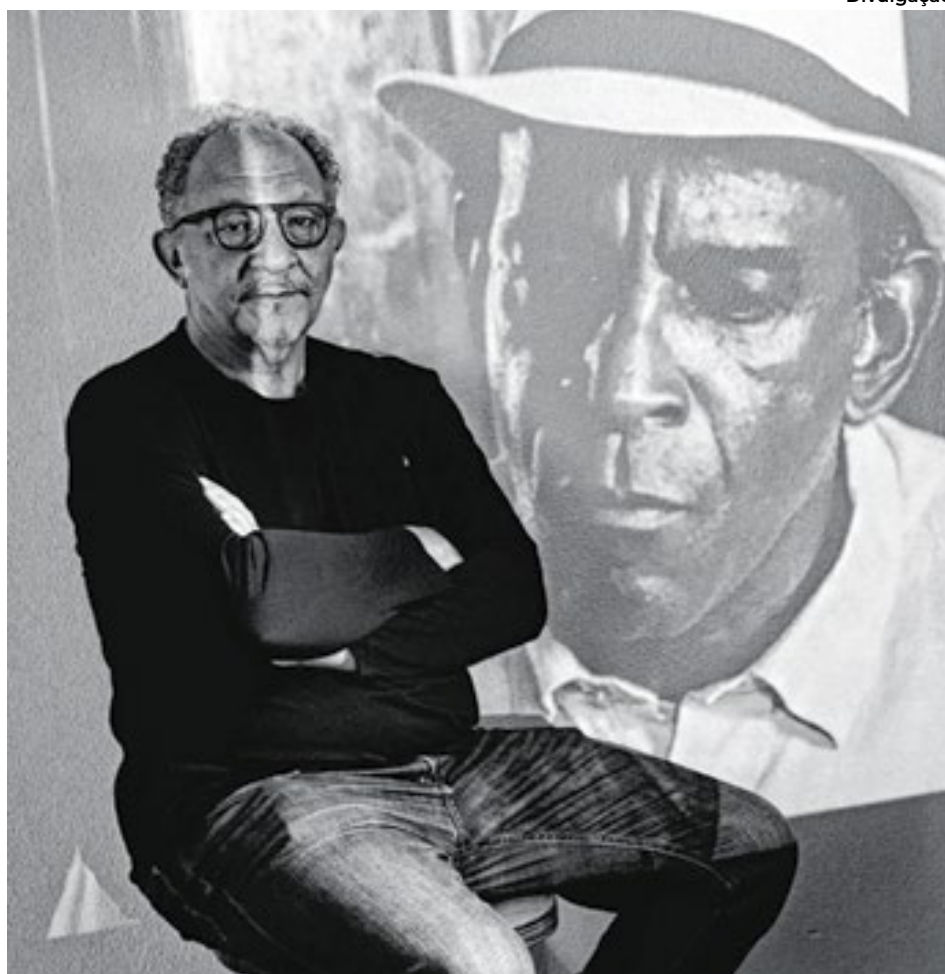
Especial para o Correio da Manhã

Faz tempo que o mineiro Joel Zito Araújo "caiu na real"... e de cabeça: sua obra, aclamada como um aríete audiovisual na luta antirracista, encontrou no documentário seu veio mais prolífico de ação. Neste domingo, ele completa 71 anos. A festa coincide com o aumento da popularidade do cineasta na arte de documentar. Nesse registro seu prestígio só faz crescer, como comprova a conquista do prêmio do público, na Mostra de São Paulo, que ganhou na semana passada pelo febril "Cadernos Negros".

Realizador de ficções como "Filhas do Vento" (2004) e "O Pai da Rita" (2021), Joel vem arrancando aplausos por onde passa com seu novo longa de toada documental, evocando a prosa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A partir dela, ele conta a história da série literária criada em 1978 em São Paulo. É um olhar para a peleja da população negra para afirmar sua voz na arte da escrita. No papo a seguir, Joel fala das trilhas estéticas que abre ao investigar a realidade.

"Cadernos Negros" é parte de uma leva documental recente sua que fortalece sua interação com a não ficção. O que o documentário te permite de ação em sua luta decolonial e em suas batalhas antirracistas?

Joel Zito Araújo - Creio que meu filme "Meu Amigo Fela" (2019) e a série "PCC: O Poder Secreto", de 2022, consolidaram a minha carreira como documentarista, pois desde então tenho recebido vários convites para projetos. E tenho topado todos aqueles que se encaixam no desejo que carrego desde "A Negação do Brasil", de auxiliar na construção de uma espécie de cartografia audiovisual do negro. E neste momento estou montando uma nova série: "Encontros com o novo cinema brasileiro". Ela apresenta a geração que veio depois da minha, revelando suas concepções e contribuições para o cinema brasileiro. E suas diferenças de mim mesmo. Todos esses trabalhos documentais têm um campo de



Divulgação

ação decolonial e antirracista muito evidente. Me sinto pleno por fazê-los e por crer que estou contribuindo para um novo olhar sobre o nosso país.

De que maneira parcerias com emissoras de TV e plataformas de streaming ampliam o alcance do formato documental?

Acho que o cinema documental não teria o nível e a quantidade de produções que tem hoje no Brasil se não houvesse o grande interesse das emissoras e das plataformas de streaming pelo formato, e se nós, os produtores e realizadores brasileiros, não tivéssemos alcançados a qualidade que alcançamos. E, para isso, a Ancine e a criação do FSA tiveram uma contribuição também fundamental.

Que novos projetos ocupam sua mente e que abordagem trazem para a representação das populações pretas? Na ficção,

como anda seu olhar?

Sinto que ainda não tive a chance de enriquecer minha linguagem e contar as histórias que gostaria no campo ficcional. Até o momento, fiz meia dezena de curtas e apenas dois longas fictionais. Essa produção não representa falta de projetos e nem falta de talento de minha parte. Creio que os importantes prêmios que obtive com "Filhas do Vento", e o reconhecimento crítico de "O Pai da Rita", atestam isso. Mas levantar recursos mais vultosos que as ficções demandam no tipo de projeto que carrego ainda é uma barreira para mim. No momento, tenho pronto nas mãos o primeiro tratamento de dois novos roteiros fictionais. Um é uma adaptação de uma peça teatral de Dani Balbi, "Mãe Preta Reincidente". O outro é a pouco conhecida história de amor de um triângulo fundamental na cultura brasileira: Ruth de Souza, Léa Garcia e Abdias do Nascimento, que tem o título

provisório de "3 histórias de amor e mágoas". Essas são as minhas meninas dos olhos, no campo ficcional. Mas ainda estou buscando captar recursos financeiros para viabilizá-las. Estou com muita vontade de me dedicar mais à ficção, mas sem abandonar os projetos documentais.

O que mudou no cinema e na TV com as batalhas raciais travadas sobretudo a partir do avanço conservador pós-golpe? De que maneira a política do Planalto e as políticas antirracistas convergem?

Acho que o pré-golpe buscou embarrear a produção de cinema no Brasil por motivos evidentes, pensar o país criticamente foi visto como subversão, voltando ao pensamento retrógrado do período da ditadura. E o pós-golpe ainda não conseguiu quebrar esse clima que paralisou recursos financeiros importantes. As forças pré-golpe ainda continuam fortes entre nós. É evidente que a produção cultural que pensa o país é um fator que ajuda a derrotar o obscurantismo da extrema direita. Mas me chama a atenção que o embarreiramento parece maior que a flexibilização. Mas, apesar disso, muita coisa mudou. Creio que a classe artística, a intelectualidade progressista, e os produtores audiovisuais, têm finalmente uma nova consciência em termos da compreensão do país com mais complexidade em termos de diversidade humana e das demandas históricas das populações negras e indígenas.

O longa "A Negação do Brasil", que te catapultou para o estrelato, já soma 25 anos. Que estrada você percorreu desde então?

Acho que todas as minhas obras ajudam a pensar o Brasil e o mundo em termos de diversidade racial e humana. Ajudam também a ressaltar a contribuição civilizatória da população negra. Gosto de ver bobagens nas telas do cinema e da TV... um bom filme de ação, uma boa ficção científica... mas esse não é o meu lugar como criador. Ainda sonho que o cinema e outras formas de produção audiovisual podem ajudar a fazer desse nosso planeta um lugar melhor para se viver.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É pelas trilhas políticas da ecologia - seu berço - que o memorável “A Queda do Céu” encontra o caminho que espera, há quase um ano e meio, para encantar o circuito brasileiro. A via de chegada: a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Em plena COP30, Belém do Pará recebe, no dia 13 de novembro, às 19h, uma sessão especial do filme de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha que abriu sua estrada em maio de 2024, na Quinzena de Cineastas de Cannes. A projeção paraense será no Instituto Ciência de Arte, edifício histórico na Praça da República, com a presença do xamã Davi Kopenawa e de Eryk para debate com o público. O lançamento em âmbito nacional será no dia 20 deste mês.

Processo de imersão na floresta, no coração do Amazonas, “A Queda do Céu” fincou raízes na Quinzena de Cannes e lá plantou sementes que, regadas a elogios da crítica internacional, oxigenaram várias mostras pelo mundo. Feito em esquema de colaboração com o povo indígena ianomâmi, o transcendente experimento de Gabriela e Eryk foi agraciado com o troféu Redentor de Melhor Direção de Documentários no Festival do Rio 2024. De lá saiu ainda com o prêmio de Melhor Som. Sua narrativa de tons ritualísticos segue Davi Kopenawa enquanto ele batalha para devolver o equilíbrio à sua comunidade, entre rezas e aforismos filosóficos.

A exploração madeireira ilegal, a mineração de ouro e a mistura mortal de epidemias que as intrusões do garimpo e de outras práticas de depredação contra a selva são tematizados na plenária que Kopenawa cria numa forma de reza. A contundência de suas reflexões ampliou a adesão da Croisette à produção.

“Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Ianomâmi não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes”, disse Gabriela, uma atriz premiada que se aventurou a filmar o livro “A Queda do Céu”, escrito por Kopenawa e Bruce Albert, após ser dragada pela leitura dele. Essa conversou com o Correio em Cannes. “Existe performatividade no Davi e no seu povo, que tem um compromisso com a beleza. Por isso o filme tem circularidade”.

Seu companheiro, Eryk, foi premiado em Cannes em 2016 com a láurea Olho de Ouro pelo .doc “Cinema Novo”, no qual passava em revista a obra da geração respon-



‘A Queda do Céu’, que mergulha no cosmogonia ianomâmi, terá exibição em Belém durante a COP 30

O chamado da floresta

Cerca de um ano e meio depois de encantar Cannes com ancestralidades da cultura ianomâmi, ‘A Queda do Céu’, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha, encontra a rota do circuito comercial - e se candidata a sucesso na seara dos .docs

Divulgação



Gabriela Carneiro da Cunha Eryk Rocha durante passagem por Cannes

sável por modernizar o audiovisual no país - e da qual fazia parte seu pai, Glauber Rocha (1939-1981). O cineasta diz que filmou “A Queda do Céu” com Gabriela contando com uma equipe enxuta, somando seis pessoas. O time chegou à fronteira com Roraima antes da pandemia. Registraram entre outras coisas a cerimônia do Reahu, uma espécie de despedida para a morte do sogro de Kopenawa.

“Esse projeto materializa o meu encontro de vida com a Gabi, ou seja, o teatro e o cinema. Só que materializa também o encontro do cinema da gente com o cinema sem câmera dos povos ianomâmis, que se faz de cantos e de danças”, diz Eryk. “O grande problema do mundo hoje é que seguimos uma lógica grega, de base aristotélica, segundo a qual o homem está acima de tudo. A cosmologia dos ianomâmi não comporta hierarquias, nem separa natureza de cultura”.

No aguardo por uma vaga em telona, “A Queda do Céu” participou de 80 festivais no Brasil e no mundo e venceu o Grande Prêmio do Júri da Competição Kaleidoscope do festival DOC NYC, o maior festival de documentários dos Estados Unidos. Ganhou ainda o Prêmio Especial do Júri da Competição Internacional no DMZ Docs 2024 (Coreia do Sul), o maior da Ásia. Abocanhou ainda o Prêmio Fundação INATEL no Festival DocLisboa 2024 (Portugal), e o Prêmio Principal Fethi Kayaalp no Festival Internacional de Documentários Ecológicos de Bozcaada 2025 (Turquia).

Leffest, a maratona cinéfila da terrinha



Medalhões autorais que caminham para o Oscar batem ponto na grade do festival

mais bombado de Lisboa, que presta tributo para Wagner Moura

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Puseram na conta de Jim Jarmusch a tarefa de abrir a 19ª Edição do Leffest, o mais pop e ao mesmo tempo mais autoral dos festivais de cinema de Lisboa, com a projeção da comédia agri-doce que lhe valeu o Leão de Ouro de 2025: “Pai Mãe Irmã Irmão” (“Father Mother Sister Brother”). A sessão inaugural será nesta sexta, no Cine São Jorge, lá na terrinha, que serve como base para as operações cinéfilas do evento dirigido pelo produtor Paulo Branco, uma lenda portuguesa.

Um tributo ao baiano Wagner Moura, impulsionado pela estreia lusa de “O Agente Secreto”, é parte das ações que o evento preparou para sua grade, que se estende até o dia 16, com diferentes seções competitivas. Alta é a expectativa por “Blue Moon”, nova parceria entre Ethan Hawke (numa atuação dos diabos) e o diretor Richard Linklater, seu parceiro em “Boyhood” (2014) e na trilogia “Antes do Amanhecer” (1995-2013), fei-

ta também com Julie Delpy, diva francesa.

Numa nova sinergia, que pode levar ambos ao Oscar, o cineasta e o astro revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta a chegada de um porvir nada otimista à medida que sua vida (profissional e privada) desanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi’s, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno “Oklahoma!”) de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott (de “Ripley”), corado com o Urso de Prata de Melhor Coadjuvante pelo longa. Naquela noite de 31 de março de 1943, revivida por Linklater, Lorenz vai escancarar todos os seus demônios, à espera de um cafuné da poeta Elizabeth (papel de Margaret Qualley), seu xodó atual. A destreza cômica de Hawke é notável. Fora isso, lá nos EUA, ele lidera a bilheteria à frente do terror “O Telefone Preto 2”.

Entre os adversários de Linklater (titular da capa de outubro da cultuada revista “Cahiers du Cinéma”), vale destaque a aventura que



Where to Land



Blue Moon



Família de Aluguel

venceu a Mostra de São Paulo na semana passada: “The President’s Cake”, do iraquiano Hasan Hadi. Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É um bolo de aniversário para... Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria.

Um dos competidores de grife mais sólida deste Leffest é “Where

to Land”, longa inédito do muso indie Hal Hartley. Aos 65 anos, o cineasta nova-iorquino de Long Island criou maneiras de filmar que desafiam os cânones mercadológicos da indústria. A esteira de filmes icônicos em sua trajetória como realizador, como “Confiança” (1990) e “As Confissões de Henry Fool” (melhor roteiro em Cannes em 1997), fizeram dele um estandarte de exceção nos meios de produção dos diretores america-

nos. Estudioso de teoria musical, apaixonado por figuras errantes, de mural torta, ele promete estontejar os portugueses com a saga do artista visual Joseph Fulton (Bill Sage). Procurando uma vida mais tranquila e uma maior proximidade com a natureza, esse realizador aposentado, candidata-se a um emprego como assistente de jardineiro num cemitério local – quer apenas manter-se ocupado, ao mesmo tempo que decide colocar os assuntos em ordem, redigindo o seu testamento. A família, os amigos e os vizinhos interpretam mal a situação: assumem que ele está a morrer e juntam-se no seu apartamento para um último adeus com direito a filosofia desajeitada sobre o significado da vida. Hartley terá uma mostra paralela no Leffest, que atrai plateias de toda a Península Ibérica. Na reta final do festival, o Cine São Jorge projeta a delícia de dramédia “Família de Aluguel” (“Rental Family”), de Hikari, vinda do Japão. A estrela da fita, Brendan Fraser, está no apogeu de sua maturidade, num equilíbrio fino entre riso e pranto, no papel de um ator falido que vive no Japão. Numa Tóquio repleta de desconexões, ele vira operário numa agência que forja “parentescos” e afetos. É assim: se uma pessoa está solitária e sonha ter um “parente” para chamar de seu, ela aluga os serviços dessa companhia que providencia alguém para se passar como um primo distante e até uma figura paterna há muito sumida. Óbvio que o coração dele vai dar ruim.

Divulgação

Divulgação

James Lisle/Divulgação



A Memória Que Me Contam



Mariguella



As Mulheres da Sacada

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Neste fim de semana em que “O Agente Secreto” se impõem numa vastidão do circuito exibidor como um potencial sucesso, uma leva de curtas de seu diretor, Kleber Mendonça Filho, depositam-se pelas raías da Mubi Vinil Verde” (2004), “Eletrodoméstica” (2005), “Noite de Sexta, Manhã de Sábado” (2007) e “Recife Frio” (2009). É uma jazida de brasilidade no streaming nacional, que, nesta reta final de 2025, amplia seu sortimento de pepitas autorais. Confira a seguir algumas dicas do que ver nas plataformas:

AS MULHERES DA SACADA (“*Les Femmes Au Balcon*”, 2024), de **Noémie Merlant**: Três mulheres passam os dias num apartamento em Marselha, em meio a uma onda de calor. Em frente a elas está um misterioso vizinho, objeto de fantasias do trio - inclusive as mais selvagens. Elas se vêem presas numa situação de perigo envolvendo o tal sujeito - e o ranço sexista da Europa. Onde: MUBI

FRANKENSTEIN (“*Frankenstein*”, 2025), de **Guillermo del Toro**: Uma das versões de mais tônus existencialista para o romance de Mary Shelley (1797-1851), no qual um inventor abalado pelo luto (Oscar Isaac) se dedica a desafiar a Morte, dando vida a um ser feito a partir de cadáveres e energia elétrica. Disputou o Leão de Ouro de Veneza e pode dar uma indicação ao Oscar para Jacob Elordi, no papel do Prometeu que nasce do ventre da loucura. Onde: Netflix.

Plataformas em decolagem

Na reta final de 2025, os streamings contam com reforços de peso



Frankenstein



Sombras de um Crime



Lobisomem

A MEMÓRIA QUE ME CONTAM (2012), de **Lúcia Murat**: Simone Spoladore tem uma atuação arrebatadora neste drama que mescla passado e presente, tendo o eterno Django, Franco Nero, no papel de um italiano cujo passado de atividades ilícitas é revelado. Simone vive uma militante política de esquerda cujo calvário nos dias de hoje é acompanhado por seus amigos. Otávio Augusto encarna o mais divertido deles. Onde ver: Reserva Imovision.

SOMBRAS DE UM CRIME (“*Marlowe*”, 2022), de **Neil Jordan**: Dublado no Brasil por Armando Tiraboschi, Liam Neeson encarna (e muito bem) o detetive de aluguel consagrado na literatura policial, a partir de 1939, na prosa de Raymond Chandler (1888 — 1959). Mas a fonte primária deste roteiro adaptado filmado por Jordan não é um romance de Chandler, e sim, uma homenagem a ele. Sua matéria dramática é o romance “*The Black-Eyed Blonde*”, lançado pelo aclamado John Banville (“O

Mar”) sob o pseudônimo de Benjamin Black, em 2014. Na trama, uma herdeira de um estúdio de cinema, Clare (Diane Kruger), filha de uma milionária excêntrica (Jessica Lange), faz uma oferta a Marlowe para que ele a ajude a encontrar um homem com quem vive um affair. O sujeito anda sumido. Mas o tal sumiço encobre um enredo que envolve políticos, clube de sexo e uma relíquia. Onde ver: Amazon Prime.

LOBISOMEM NA NOITE (“*Werewolf By Night*”, 2022), de

Michael Giacchino: Em seus 52 minutos de um preto e branco expressionista, esta imersão da Disney nas HQs de horror da Marvel dos anos 1970, criadas por uma esquadra de talentos (Roy Thomas, Jean Thomas, Gerry Conway e Mike Ploog), põe Gael García Bernal na pele (e nos pelos) do licantropo Jack Russell. Na caça por uma joia mística, ele vai usar seus poderes lupinos. Onde ver: Disney +

MARIGHELLA, de Wagner Moura (2019): Uma vez que o clima geral é de torcida por “O Agente Secreto”, nada mais justo do que aplaudir incursão de sei astro na direção de longas de ficção. Estandarte da luta simbólica contra Bolsonaro, este thriller de época fez sua estreia mundial na Berlinale, mas só foi lançado no Brasil em 2021. O desempenho de Seu Jorge no papel do guerrilheiro e poeta Carlos Marighella (1911-1969) contagia a plateia, em especial no momento de uma entrevista a um jornalista francês que, ao interpellá-lo, para saber se ele é maoísta, leninista ou trotskista, recebe como resposta: “Sou brasileiro”. Onde ver: Globoplay.

SEM URSOS (“*Khers Nist*”, 2022), de **Jafar Panahi**: Misturar o que parece com o que é costuma a ser a marca narrativa recente do diretor iraniano que mais tem desafiado a Lei de seu país, em prol da liberdade. Neste exercício semiótico, ele faz um retrato de duas histórias de amor contadas em paralelo. Em ambas, os amantes são afetados por obstáculos ocultos e inevitáveis, pela força da superstição local e pelos mecanismos do poder. Onde: Reserva Imovision.

CRÍTICA / LIVRO / A EXTRAORDINÁRIA ZONA NORTE

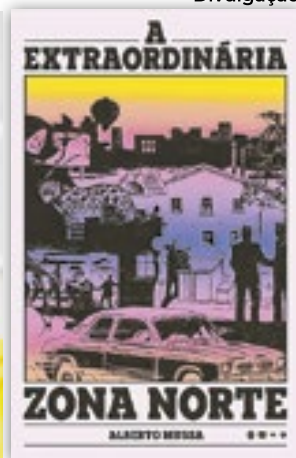
Por Olga de Mello

“Uma cidade se define pela história dos seus crimes”, diz o carioca Alberto Mussa, cuja última indicação para o prêmio Jabuti foi “A Extraordinária Zona Norte”, romance policial ambientado nos anos 1970. O Jabuti não veio, mas o autor coleciona premiações. Publicado em 19 países e em 16 idiomas, já ganhou o prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Casa de Las Américas, o da Associação Paulista de Críticos de Arte, o da Fundação Biblioteca Nacional e o Oceanos.

Entre 1999 e 2018, Mussa, que costuma fundir a tradição narrativa ocidental a relatos de mitologias afrobrasileira, da indígena brasileira e da Arábia pré-islâmica e do Brasil, lançou cinco romances de suspense, cada um ambientado em um século da história do Brasil. As novelas, reunidas no Compêndio Mítico do Rio de Janeiro, acabam de voltar ao mercado pela Record.

“A Extraordinária Zona Norte” (Todavia, R\$ 75,90) também traz a carioca mestiçada e sincrética cuja construção é demonstrada nos cinco volumes do Compêndio. Concebida, segundo o autor, como narrativa “elusivamente autobiográfica”, se transcorre nos lugares que compõem seu “mapa-mundi afetivo”, os bairros do Andaraí e Grajaú, onde cresceu. A afetividade se expressa nos retratos acurados de personagens como o cego Jorge,

O extraordinário Alberto Mussa



Alberto Mussa
costuma fundir a tradição narrativa ocidental a mitologias afro-indígenas brasileiras

vidente que comanda “de ouvido” a bateria da escola de samba local. Um guardião da história, uma junção, talvez, do poeta grego Homero e do argentino Jorge Luiz Borges, auxilia o detetive Domício Baeta a desvendar

mistérios.

Baeta é um desses detetives da literatura contemporânea carioca: medíocre, decadente, mas um excelente leitor, que desfia conhecimento e conclusões a partir de suas leituras

de clássicos. Ele sai à procura do tio, policial que desapareceu depois de uma chacina, em 1966, quando surgem indícios de que é possível encontrar o paradeiro dos alvos da matança. É nos anos 1970 que as execuções de criminosos começam a se tornar corriqueiras, com o Esquadrão da Morte, outro nome da Scuderie Le Cocq, um grupo de policiais que pretendia vingar o assassinato de um detetive. Os exterminadores de bandidos ganham força na ditadura, enquanto os chefes do jogo do bicho pairam como poder paralelo.

Cada volume pode ser lido separadamente e sem seguir a ordem cronológica nas histórias reais que servem de pano de fundo para crimes fictícios. Passado em 1567, “A primeira história do mundo” trata do crime passionai que teria envolvido 15% da população carioca em sua resolução, numa época de piratas, indígenas e aventureiros disputando as terras da Guanabara. “O trono da Rainha Jinga” traz crimes supostamente planejados por uma irmandade secreta de escravizados, no Rio do século 17. “A biblioteca elemental” parte de um assassinato, com testemunhas, em 1733, no que viria a ser o Largo da Carioca. “A hipótese humana” apresenta o assassinato de uma jovem dentro da chácara da família, no Catumbi, em 1854. Já “O senhor do lado esquerdo” acompanha as investigações do assassinato do secretário do presidente da República num prostíbulo, em 1913.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

ASSASSINATO NO VERÃO DE 1999

Jeneva Rose traz daqueles irresistíveis thrillers que expõem as dificuldades da convivência de uma família quando morre a matriarca. A filha mais velha, Beth, jamais deixou a cidadezinha e cuidou da mãe até o fim. Nicole, a do meio, se afastou de todos por causa da dependência química, enquanto o caçula bem-sucedido, Michael, não encontra as irmãs desde que o pai abandonou a família, sete anos atrás. Ao verem um vídeo mostrando o pai coberto de sangue, os três irmãos precisam decidir se investigam o que aconteceu ou se concentram em viver o presente. (Intrínseca, R\$ 59,90)



O PRATO VAZIO

Como falar de fome e desigualdade social com crianças que desconhecem tal realidade? Adriana Falcão e o ilustrador Bruno de Almeida trazem o tema para pequenos leitores pelo ponto de vista de um prato, alinhando sua história através de indagações como “faz sentido uma pessoa com fome, uma criança com fome, um prato vazio?”. O prato pertence a uma menina, cuja mãe precisa decidir se compra feijão ou se paga um crediário. O questionamento sobre o valor do dinheiro versus o atendimento às necessidades básicas suscita reflexões profundas junto aos pequenos. (Ação Editora, R\$ 73,90)



A POSIÇÃO DAS COLHERES E OUTRAS INTIMIDADES

Os artigos, discursos e pensatas de Deborah Levy, partem do espaço doméstico dos objetos cotidianos para pensar na relação da arte, cinema, a rotina diária com a vida de cada um. O cheiro dos limões à mesa, a libertária obra literária de Colette, a sensualidade como combate à pobreza e ao não-pertencimento sofridos por Marguerite Duras na Indochina, transcritos em seu romance “O amante” são algumas das reflexões oferecidas por alguém que trata a imaginação como fator da realidade. (Autêntica Contemporânea, R\$ 53,99)





com **LUIZ ANTONIO SIMAS** e Roda de samba **TERREIRO DE CRIOULO**

Aula aberta "Tempo de Festa, Festa no Tempo: Estratégias de Invenção do Mundo", com mediação da Renata Araújo

MAIS ESPECIAL QUE COMEMORAR 10 ANOS É COMEMORAR JUNTO COM VOCÊ.

8/11 SÁBADO 11H-17H

PRAÇA DO CENTRO CULTURAL CORREIOS RIO DE JANEIRO

E V E N T O G R A T U I T O

realização



Burger Fest agita o Rio com criações inéditas

Divulgação



TEVA DELI

Divulgação



SHEESH

Divulgação

Dez casas participam da 14ª edição do evento com receitas exclusivas de hambúrgueres e batatas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**

O Burger Fest chega ao Rio com sabor de celebração! Durante todo o mês de novembro, dez casas cariocas participam da 14ª edição do maior roteiro gastronômico de hambúrguer do Brasil, apresentando criações inéditas que prometem despertar novos desejos e disputar um lugar no ranking dos melhores hambúrgueres do país. Entre os participantes estão Encarnado, João Padeiro & Co., Teva Deli, Porco Amigo Bar, Culto, Doma, Jopras Sandwich & Burger, Burgers Rio, Fire House e Sheesh, nomes que representam a diversidade e a criatividade da cena gastronômica carioca.

“Para essa edição, selecionamos casas e chefs que sempre estiveram presentes no festival e se destacaram pela inovação, qualidade e talento”, explica Claudio Baran, criador do Burger Fest.

As casas criaram um hambúrguer e uma porção de batata inéditos, com preço livre, e o público poderá votar nos favoritos pelo site oficial do evento (<https://burgerfest.com.br/>), ajudando a eleger os 50 melhores hambúrgueres do Brasil. Confira abaixo sete receitas de casas participantes:

Divulgação



ENCARNADO

Divulgação



CULTO BAR

Divulgação



PORCO AMIGO

Divulgação

BURGERS RIO – Quem for a hamburgueria poderá pedir o Smash Melt Copa (R\$ 47), com 220g de carne em dois smashes com molho cheddar, cebola caramelizada e fatias de bacon acompanhado de Melt Fritas (R\$ 35) com molho cheddar, farofa de bacon e cebola caramelizada Rua Aníbal de Mendonça 55B – Ipanema. Instagram: @burgers.rio.

CULTO BAR – O bar criou o diferente Hambúrgão de forno (R\$ 50) com massa de pizza de longa fermentação e recheado com blend de carne, queijo mussarela, molho pomodoro, ketchup, tomatinho cereja e pepperoni. Ainda acompanhado a Batataroni (R\$ 35) batata frita coberta de queijo cheddar e pepperoni frito. Rua Arnaldo Quintela 89, Botafogo. Instagram: @culto_bar

ENCARNADO – A premiada hamburgueria criou o Umamizado (R\$ 65). Um sanduíche com 160g de burger Dry Aged, mostarda, tomate grelhado e grana padano ralado, no brioche amanteigado que chega à mesa partido ao meio e mergulhado na demi-glace. Para acompanhar, Batata Umami, (R\$ 45) feita em casa, com grana padano ralado e uma gema de ovo. Rua General Polidoro 141, Botafogo. Instagram: @encarnadoburger

JOÃO PADEIRO & CO – A casa criou o Croaburger (R\$ 55), 200g de blend especial da casa com queijo canastra meia cura, relish de pepino artesanal, maionese com calabresa e pimentão vermelho e servido em um croissant acompanhado de Pomme du Provence (R\$ 25) uma porção de batata frita com ervas de

provenç e alho fresco. Rua Rodolfo Amoedo 167, Barra. Instagram: @joaopadeiroeco

PORCO AMIGO – É claro que a casa criou o Cheese Salada Suíno (R\$ 39,90). Um sanduíche que leva hambúrguer artesanal de carnes suína e bovina, queijo derretido, alface, tomate, e salada de cebola doce com mostarda e mel, no pão brioche. Para acompanhar, batatas rústicas apimentadas (R\$ 26) com molho de páprica defumada apimentado e maionese de Alho Tostado com ervas. Rua São Manuel, 43 – Botafogo. Instagram: @porcoamigobar.

SHEESH – A hamburgueria colocou no cardápio o Crispy BBQ (R\$ 46). O sanduíche leva 160g de burger peito com acém black angus, queijo cheddar, cebola crocante

fininha, pickles e barbecue, no pão de batata assinatura da casa. E ainda acompanha Sour fries (R\$ 39) 360g batata canoa com sour cream e relish de pepino. Downtown - Av. das Américas 500, Loja 106 – Barra. Instagram: @diga.sheesh.

TEVA DELI – O espaço foi responsável pela versão vegana do sanduíche com o Cheeseburger Teva Deli (R\$ 60). Ele é feito com burger artesanal de cogumelos e cereais, queijo Basi.co, alface, tomate, cebola, pickles, aioli especial, pão de burger com gergelim feito em casa. Para acompanhar, Batata ao cheddar (R\$ 20), batata frita rústica, molho de cheddar cremoso, tofu defumado, barbecue. Av. Nossa Senhora de Copacabana 1334, loja A, Copacabana. Instagram: @tevalivegetal.

Divulgação



BURGUERS RIO

Divulgação



JOÃO PADEIRO & CO

Ribeira



Beleza e ancestralidade no olhar dos fotógrafos

Beleza dos corpos e da cultura

Mostra vai desde os deuses da mitologia à raiz africana

A Casa Niemeyer, espaço cultural vinculado à Universidade de Brasília (UnB), inaugurou a exposição “Foto Preto Grafia”, que reúne trabalhos de sete artistas contemporâneos: Luiz Roberto Moreira, Andyara Miranda, gabmeta, Denise Camargo, David Alves, Juliana Uepa e Letícia Miranda. A mostra integra o calendário do Mês da Consciência Negra e marca a abertura da VII Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio, prevista para 2025.

A exposição tem curadoria de Claudio Bull e conta com a colaboração da professora Edileuza Penha de Souza, coordenadora da Mostra de Cinema Negro, além da equipe de Curadoria e Exposições da Diretoria de Difusão Cultural (DEX/UnB). A proposta é apresentar um panorama da fotografia produzida em diálogo com a arte de matriz africana, articulando narrativas visuais sobre ancestralidade, identidade e memória.

Entre os destaques, o fotó-

Exposição “Foto Preto Grafia” apresenta produções de sete artistas

Por Mayariane Castro

A Casa Niemeyer, espaço cultural vinculado à Universidade de Brasília (UnB), inaugurou a exposição “Foto Preto Grafia”, que reúne trabalhos de sete artistas contemporâneos: Luiz Roberto Moreira, Andyara Miranda, gabmeta, Denise Camar-

go, David Alves, Juliana Uepa e Letícia Miranda.

A mostra integra o calendário do Mês da Consciência Negra e marca a abertura da VII Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio, prevista para 2025.

A exposição tem curadoria de Claudio Bull e conta com a colaboração da professora Edileuza Penha de Souza, coordenadora da Mostra de Cinema Negro, além da equipe de Curadoria e Exposições da Diretoria de Difusão Cultural (DEX/UnB). A proposta é apresentar um panorama da fotografia produzida em diálogo com a arte de matriz

africana, articulando narrativas visuais sobre ancestralidade, identidade e memória.

Mitologia, experimentos

Os trabalhos expostos abrangem diferentes técnicas, suportes e temáticas.

O percurso visual se organiza em torno da pluralidade de olhares e do modo como cada artista interpreta as relações entre corpo, território e pertencimento.

As obras transitam entre a representação simbólica de mitologias, registros documentais e experimentações visuais realizadas tanto no Brasil como no exterior, em lugares como a África.

gabmeta



A beleza do mar e do corpo negro

grafo Luiz Roberto Moreira apresenta um ensaio inspirado na mitologia grega, reinterpretada por meio de corpos negros. A série retrata figuras como Zeus e Apolo, representadas por modelos que encarnam arquétipos de força, sabedoria e transformação. O conjunto propõe uma releitura visual das imagens clássicas da

antiguidade, associando-as à ancestralidade africana.

O artista David Alves exhibe fotografias urbanas de Brasília, nas quais registra o cotidiano da capital federal a partir de uma perspectiva que valoriza a presença negra em espaços públicos. Já Andyara Miranda apresenta o ensaio “Egbé”, termo iorubá que

significa comunidade ou pertencimento espiritual. Suas imagens aproximam o ato fotográfico de um rito, explorando a relação entre corpo, luz e memória. A artista utiliza técnicas como a cianotipia, processo artesanal de revelação com luz solar e o filme 35mm, um ângulo específico utilizado por uma lente fotográfica, para construir uma narrativa visual que combina materialidade e espiritualidade.

Mar e África

Na série assinada por gabmeta, o corpo negro é retratado em fusão com as águas oceânicas, em composições que evocam o movimento e o deslocamento simbólico entre continentes. A fotógrafa Letícia Miranda combina colagem e fotografia em paisagens intimistas, produzindo imagens que associam fragmentos visuais à construção de memórias pessoais e coletivas.

A artista Juliana Uepa apresenta registros realizados em Cotonou, no Benin, país africano.

SHOW

Linkin Park se apresenta no DF

*O aguardado retorno do Linkin Park aos palcos chega ao seu momento mais simbólico: o show da turnê mundial From Zero em Brasília, no dia 11 de novembro, na Arena BRB Mané Garrincha. Após passar por quatro continentes e lotar arenas pelo mundo, a banda promete uma apresentação que une clássicos e faixas do novo álbum, vencedor do prêmio de "Rock Album of the Year" no iHeartRadio Music Awards. Ingressos no site e bilheterias oficiais.

Felipe Cyntrão apresenta álbum

*O Teatro dos Ventos, em Águas Claras, recebe no dia 15 de novembro de 2025, às 20h30, o show Brasília de Luz, lançamento do novo álbum de Felipe Cyntrão. O espetáculo encerra o projeto Brasília na Pulsação do Som (FAC-DF) e celebra a cidade em música, poesia e movimento. No palco, Cyntrão (voz e violão) se apresenta com Cairo Vítor, Anco Marcos, Iara Gomes, Sidney Campos e Kelly Vyanna. A entrada é gratuita.

Paulinho Moska no DF

*A 40ª edição do ArteFato traz de volta a Brasília o cantor Paulinho Moska, que se apresenta no Teatro dos Bancários, em 13 de novembro, às 20h, com seus "Violões Fênix", construídos com restos das madeiras do incêndio que ocorreu em 2018 no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Débora Kelly abre o show. Ingressos gratuitos pelo Sympla.

PROJETO

Alma Brasileira

*O projeto Alma Brasileira homenageia os mestres Claudio Santoro e Hermeto Pascoal em Brasília, com concertos, recitais e palestras em escolas e espaços culturais do DF. Realizada com apoio do FAC-DF, a iniciativa dos músicos Pablo Marquine e Diogo Monzo une o erudito e o popular, celebrando o legado e a diversidade da música brasileira. Com apresentações até dia 19 de novembro, com entrada gratuita e acessibilidade.

Festival Japonês

*O CIL de Sobradinho (quadra 13) recebe neste sábado, 8 de novembro, das 16h às 20h, o 2º Festival de Japonês. O evento celebra a cultura nipônica com comidas típicas, apresentações e



A turnê "From Zero" marca a consolidação da nova fase do Linkin Park

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Projeto Alma Brasileira revive Claudio Santoro

oficinas. Ingressos: R\$10 antecipado e R\$20 na hora.

Arte na praça

*O projeto Arte na Praça realiza neste sábado (8), a partir das 19h, na Praça das Artes Teodoro Freire (Qd. 8 de Sobradinho), a 7ª noite de sua 8ª edição. A programação tem a banda Pra Quem Tá Quente (19h), a dançarina Karol Thayná (20h) e a cantora Lúcia de Maria (21h). Entrada gratuita.

FESTIVAL

A Cena Cênica

*O Festival A Cena Cênica chega a Santa Maria neste novembro, encerrando sua temporada no Espaço TanTan de Cultura e Eventos (AC 419 D). Após



Rodrigo Simas

Paulinho Moska chega a Brasília



Divulgação

Encantarias encerra quinta temporada



Nathan Sampaio

Festival A Cena Cênica

passar por Gama e Ceilândia, o projeto promove fins de semana com apresentações gratuitas e acessíveis, valorizando artistas das periferias do DF.

Festival Misturô

✱A Praça da Administração de Ceilândia recebe nos dias 8 e 9 de novembro o Festival Misturô, com entrada gratuita. O evento reúne shows musicais, feira de artesanato e praça de alimentação com food trucks. Realização do Instituto Impacta Brasília.

CINEMA

“O Agente Secreto” no Cine Brasília

✱O Cine Brasília exhibe, entre 6 e 12 de novembro, o aguardado “O Agente Secreto”, novo longa de Kleber Mendon-



Divulgação

“O Agente Secreto” estreia no Cine Brasília



Alice Lira

Educadora ambiental de Taguatinga lança livro infantil ilustrado

ça Filho, estrelado por Wagner Moura. Ambientado no Recife de 1977, o filme mistura paranoia política e drama pessoal em plena ditadura. Aclamado em Cannes 2025, venceu o Prêmio FIPRESCI e é o escolhido do Brasil para o Oscar 2026.

TEATRO

Encantarias

✱A Plataforma Encantarias de Culturas Populares encerra sua quinta temporada neste fim de semana no Espaço Cultural Renato Russo, com entrada gratuita. Na sexta (7), a mestra pernambucana Nice Teles apresenta a aula-espetáculo Personagens Femininos no Cavalo Marinho. No sábado (8) e domingo (9), às 19h, a atriz Luciana Meireles encena O

Sumiço da Alembrança. Ingressos pelo Sympla.

Humor com Plínio Perrú

✱O comediante Plínio Perrú volta aos palcos com o espetáculo “Quarentei Show”, em apresentação única no feriado de 20 de novembro, às 20h30, no Teatro Ary Barroso (Sesc 504 Sul). Com humor ácido e intimista, Perrú celebra seus 40 anos e sua trajetória artística. Ingressos pelo Sympla. Classificação: 16 anos.

“Encruzilhada Sonora”

✱A Sala Martins Penna, no Teatro Nacional, recebe no dia 12 de novembro, às 19h, o Encruzilhada Sonora, com o lançamento do teaser do documentário homônimo, shows de artistas periféricos e a entrega do Prêmio Brasília Independente, que celebra 15 anos. Entrada gratuita. Apoio da Secec-DF e do Instituto Janelas da Arte.

LANÇAMENTO

‘As Aventuras de Jucaí’

✱A educadora e atriz brincante Diele Mendes lança o livro infantil As Aventuras de Jucaí na Agrofloresta, ilustrado por Oberas e publicado pela Avá Editora. A obra narra as vivências de um sabiá em uma agrofloresta, valorizando saberes ancestrais sobre o cultivo da terra. As apresentações acontecem em escolas do DF com contação de histórias, música e entrada gratuita.

EXPOSIÇÃO

Marias: exposição fotográfica

✱A exposição Marias, da jornalista e fotógrafa Ísis Dantas, entra na reta final no Foyer do Plenário da CLDF. A mostra retrata dez mulheres que romperam o ciclo da violência doméstica e transformaram dor em resistência. O projeto, que originou o livro homônimo, integra o Marias da Penha, criado em 2019.

Experiência sensorial

✱A instalação De Ver Cidade – Brasília numa caixa de brincar, do coletivo Entrevazios, ocupa a Biblioteca Nacional de Brasília de 8 a 21 de novembro. Parte do Circuito Arte e Cidade, a mostra convida o público a tocar, mover e reconstruir Brasília em uma experiência tátil, acessível e gratuita, com agendamento pelo @entrevazios.

Graças a Paulo Gustavo

Lei batizada com o nome do humorista apoia cultura popular no DF

Por Mayariane Castro

A Lei Paulo Gustavo (LPG) tem promovido o fortalecimento de manifestações culturais tradicionais no Distrito Federal, com apoio a projetos voltados à preservação de saberes populares nas áreas da música, do teatro e da contação de histórias.

A iniciativa busca garantir a continuidade de práticas artísticas que integram o patrimônio imaterial do país e a formação identitária das comunidades locais.

Entre as ações apoiadas, está a plataforma Encantarias de Culturas Populares, dedicada a difundir expressões culturais de diferentes regiões do Brasil. O projeto oferece atividades gratuitas à comunidade, como exposições com figurinos, instrumentos, bonecos, máscaras e alimentos típicos, além de media-



Tatiana Reis/Ocre Imagens

O projeto Encantarias recebe incentivo da Lei Paulo Gustavo

De histórias à tradição da flauta de pife

Incentivo alavanca os projetos dos artistas brasileiros

Durante o evento, será realizada uma roda de conversa com Tamá Freire e Nice Teles, integrante do grupo de maracatu Cavalo Marinho.

Outro projeto apoiado pela legislação é o “Memórias Populares”, idealizado pela contadora de histórias Terezinha Ancândida Borges de Brito, conhecida como Mestre Griô Tetê Alcândida.

A proposta reúne aula e espetáculo, com narrativas inspiradas nas tradições caipiras e na cons-

trução de brinquedos populares. O projeto busca valorizar o protagonismo feminino e transmitir memórias intergeracionais.

O espetáculo narra a história de uma comunidade formada por descendentes de indígenas, ciganos e roceiros, retratando modos de vida baseados na produção artesanal e no convívio com a terra. De acordo com a mestra, a industrialização provocou mudanças que afastaram parte da população dessas tradições. Ela destaca que o



Divulgação

Paulo Gustavo foi uma das vítimas da covid-19

apoio da Lei Paulo Gustavo possibilitou o registro e a transmissão dessas experiências.

Em outubro, o Memórias Populares foi apresentado nas Escolas Classe Juscelino Kubitschek e Setor P, no Sol Nascente, e promoveu a Formação de Acessibilidade Cultural no Batalhão das Artes,

em Taguatinga. Durante a atividade, o público colaborou na criação de um Plano de Acessibilidade para o espaço, relacionando teoria e prática no processo formativo.

Pife

A tradição do pife, instrumento de sopro de origem indígena

ções performáticas, rodas de conversa e oficinas de dança e música popular.

A diretora e proponente do Encantarias, Laura Dorneles, afirma que o projeto tem como foco o reconhecimento da identidade e da diversidade cultural.

Apoio fundamental

Segundo ela, o apoio da Lei Paulo Gustavo foi fundamental para garantir a continuidade das ações.

O grupo já realizou atividades no Museu de Arte de Brasília e na Galeria Risofloras, no projeto Jovem de Expressão, em Ceilândia. A última etapa ocorre entre 1º e 9 de novembro, no Espaço Cultural Renato Russo.

Outros exemplos mostram a importância da lei de incentivo para os projetos.

feito de materiais como taboca e taquara, também recebeu incentivo. O projeto “O Pife do Distrito Federal” tem o objetivo de preservar e difundir a cultura das bandas de pife no DF, reunindo mestres, aprendizes e grupos musicais em apresentações, oficinas e rodas de conversa. A proposta busca manter viva uma manifestação típica do Nordeste brasileiro que se expandiu para diversas regiões do país.

A Lei Complementar nº 195/2022, conhecida como Lei Paulo Gustavo, representa o maior investimento público já realizado no setor cultural brasileiro, com recursos superiores a R\$ 3,8 bilhões destinados a projetos artísticos. O financiamento é concedido por meio de editais e outras formas de seleção pública, administrados pelos governos estaduais, municipais e pelo Distrito Federal.

No DF, já foram repassados R\$ 48,1 milhões para o setor cultural, sob gestão da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Seccec).

Brasília recebe show inédito da nova formação do Linkin Park

PÁGINAS 8 E 9



Exposição celebra identidade afrobrasileira na Casa Niemeyer

PÁGINA 15



Cacá Bernardes/Divulgação

Enfim, juntos

Tony Ramos e Denise Fraga dividem o palco pela primeira vez em ‘O Que Só Sabemos Juntos’, que chega neste fim de semana aos palcos cariocas após concorrida temporada em São Paulo. Espetáculo marca a volta do ator ao teatro após quase 20 anos dedicados exclusivamente a trabalhos em novelas, filmes e e séries. **PÁGINA 2**

A cultura do bem-estar

Entenda porque o investimento em academias é um dos mais rentáveis atualmente

Por Lanna Silveira

O investimento na abertura de franquias de academias tem se mostrado cada vez mais vantajoso no Brasil. Segundo uma pesquisa da SEBRAE/PR, o mercado “fitness” brasileiro é um dos maiores do mundo: existem mais de 64 mil empresas registradas no país inteiro, sendo que o setor é dominado pelas pequenas academias, que representam 95% dos estabelecimentos. Dados da IHRSA informam que, atualmente, o Brasil é o segundo país com o maior número de academias no mundo.

Apesar de menos numerosas, as academias de grande porte – normalmente, pertencentes a franquias – também estão alcançando diferentes cidades brasileiras. A proposta desses espaços, atualmente, vai além de um simples espaço de musculação, possibilitando a prática de outras atividades físicas e oferecendo, ainda, espaços exclusivamente dedicados à socialização, recupe-



José Cruz/Agência Brasil

Investimento em franquias se torna cada vez mais vantajoso, segundo economista

ração e relaxamento dos alunos.

Essa tendência já chegou na região Sul Fluminense: somente em Volta Redonda, no último ano, foram abertas duas academias com a proposta de oferecer um “mega” espaço de esporte, lazer e bem-estar: a Baller, que se inaugurou como a “maior academia do sul do estado”, com um espaço de 2.400m²; e a Emirados For Shape, que será

inaugurada ainda em 2025 e se vende como uma academia “seis estrelas”.

Para a economista Sonia Vilela, um aumento na preocupação da população com a saúde tem sido o principal motor no modelo desse negócio. A economista considera, ainda, o fato de o Brasil estar em estado de envelhecimento populacional faz com que o apelo por uma

vida mais longa e saudável cresça – resultando, inclusive, no aumento do público idoso nas academias. O número de alunos matriculados em academias no Brasil, atualmente, ultrapassa a ordem dos 15 milhões, representando quase 10% da população brasileira.

Segundo Sonia, o tipo de investimento que tem a maior tendência a crescer nesse setor é

a abertura de franquias, devido ao potencial do franqueador cobrir as despesas mais significativas de seus franqueados. Como um exemplo disso, a economista aponta a rotatividade dos aparelhos de exercício, como esteiras e halteres: nas unidades de sede da franquia, que possuem um alto custo de matrícula e, por consequência, atraem um público com maior poder aquisitivo, a exigência dos matriculados sobre a manutenção dos equipamentos é alta. Para garantir a alta qualidade e rendimento, é comum que o franqueador troque os equipamentos das unidades sede com frequência e repasse os aparelhos semi novos para as unidades franqueadas, que oferecem um ambiente com um investimento menor e custos menores de matrícula.

A economista acrescenta que, como a demanda por academias é muito grande, existem muitas linhas de crédito bancário altamente subsidiadas para se abrir esse tipo de negócio.

Apreço por saúde

A nutricionista Karina Carvalho explica que, nos últimos cinco anos, o número de pacientes que buscavam uma dieta que acompanhasse uma rotina de exercícios físicos aumentou; especialmente, após a pandemia da Covid-19. Ela explica que, nos últimos anos, muitas pessoas perceberam a importância de se manter uma

boa condição de saúde e imunidade, buscando se prevenir contra doenças como diabetes, hipertensão e doenças cardiovasculares. “Posso dizer que uns 68% a 70% dos meus pacientes praticam atividade física, pelo menos, três dias por semana”, explica.

A assiduidade de quem tem uma rotina de exercício

também explica o sucesso das academias: artifícios como Gympass e Totalpass permitem que uma pessoa frequente diferentes academias a partir da necessidade de sua rotina. É o caso de João Gabriel, que precisa realizar viagens intermunicipais com frequência e, por isso, não consegue se fidelizar a apenas uma academia.

– Como eu uso o Totalpass, consigo ir em outras academias além da que frequento normalmente na minha rotina. [Os exercícios] são importantes pra mim, porque me ajuda a sair um pouco da rotina de trabalho e faculdade, então me esforço pra manter apesar da correria do dia a dia.



Rovena Rosa/Agência Brasil

Alunos buscam por qualidade de vida

'Freak': celebração do ballroom em VR

'Najah Ball' promove sua terceira edição com oficinas, filme e muita performance

O Najah Ball - primeira festa da região Sul Fluminense dedicada à cultura ballroom - promove sua terceira edição, "Freak", neste sábado (8), no Centro Cultural Fundação CSN, em Volta Redonda. O evento, que é completamente gratuito, oferecerá uma tarde de diferentes atrações e atividades voltadas para a celebração e o aprendizado sobre o ballroom.

A agenda do dia começa às 9h, com dois workshops: o pri-



Arthur Griman

Atividades começam às 9h deste sábado (8)

meiro oferecerá uma introdução a cultura ballroom, lecionado pelo Legendary Prince Puri Yagarete; e o segundo será uma aula de expressão corporal na categoria de dança Vogue Femme, lecionada pela Legendary Mother Ciara Laffond.

Às 18h, será exibido o filme "Salão de Baile", dirigido pela Imperatriz Mona Lauren e por Bruno Reis. A obra, premiada internacionalmente, é o primeiro documentário brasileiro que se dedica a explorar e registrar a cena Ballroom do estado do Rio de Janeiro. O filme oferece uma imersão na cultura do voguing e dos balls, que se estabelecem como espaços de resistência, celebração e autoexpressão de jovens da periferia carioca.

Após o filme, às 19h, a tradicional celebração ballroom do Najah começa. Dando segui-

mento às celebrações de Halloween, as categorias de premiação serão promovidas dentro do tema "freak": o público é encorajado a usar toda a criatividade investir em looks macabros que reflitam a finesse da cultura ballroom. Além da premiação nas categorias "Fashion Killah" e "Face", será aberto espaço para quem quiser performar dentro da categoria de dança conhecida como "Baby Vogue" - exclusiva para as pessoas que ainda são iniciantes na cena voguing, deixando-as confortáveis para mostrar suas habilidades, sem receber avaliações rígidas.

O fim da noite contará, ainda, com performances dos legendarys convidados e dos dançarinos do coletivo Najah Ball, além da discotecagem dos DJs residentes: Harajuice, Genesttra e Lis.

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Beatriz Arêas



Noite de rock

Neste sábado (8), a Central Antena-du, em Volta Redonda, receberá um mini festival que explora diferentes vertentes do rock. A line-up da noite contará com as bandas: Desafuego, de stoner rock, às 19h; Neon Dharmas, de post-punk, às 20h; e The Lautreamonts, de post-punk e darkwave, às 21h. O evento também terá discotecagem dos DJs Dirty Death e Ralleva. Os ingressos estão sendo vendidos de forma antecipada pelo perfil: @antenadu.

Joédson Alves/Agência Brasil



Celebração afro

A Prefeitura de Resende promoverá uma edição especial do Passeio Histórico com Olhar Afrocentrado - em celebração ao mês da consciência negra - neste sábado (8), no início da Ponte Nilo Peçanha, bairro Campos Elíseos. A caminhada terá início às 9h e contará com a presença de Luis Claudio Hermógenes e Ubiratran de Oliveira, especialistas na promoção de igualdade racial, que contarão a história de Resende sob uma perspectiva afrocentrada.

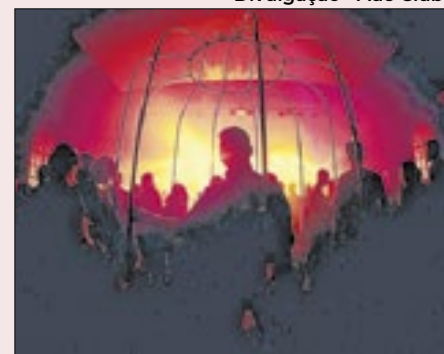
Laryssa Lomenha/JUVRio



Oficina de DJs

O bairro Santa Cruz, em Volta Redonda, receberá o "Laboratório Popular de DJs" neste sábado (8), a partir das 14h. O evento promove oficinas gratuitas de discotecagem, ministradas pelos DJs Rassi22, Gustavo Peixoto e Durval. O laboratório também oferecerá noções sobre manuseio de equipamentos, aprendizado sobre gêneros musicais e planejamento de carreira. As aulas acontecerão na sede da Associação de Moradores do bairro.

Divulgação - Auê Clube



Noite mexicana

O Auê Clube promoverá uma noite mexicana, recebendo a Festa Afrontosa neste sábado (8), a partir das 23h. A line-up da noite contará com os DJs Breno Laroy, Vinny Ramos (residente da Afrontosa), Henrix e Lilly (residente do Auê). O evento terá rodadas de tequila liberadas durante a noite. Os ingressos podem ser adquiridos antecipadamente pela plataforma Sympla ou na porta do evento.

Investimento em academias é cada vez mais vantajoso: entenda

PÁGINA 15



Confira as atrações do fim de semana na região Sul Fluminense

PÁGINA 16



Cacá Bernardes/Divulgação

Enfim, juntos

Tony Ramos e Denise Fraga dividem o palco pela primeira vez em 'O Que Só Sabemos Juntos', que chega neste fim de semana aos palcos cariocas após concorrida temporada em São Paulo. Espetáculo marca a volta do ator ao teatro após quase 20 anos dedicados exclusivamente a trabalhos em novelas, filmes e e séries. **PÁGINA 2**